

Dinâmica das assessorias de projeto: uma contribuição ao processo de autonomia do estudante de Arquitetura e Urbanismo

Dynamics of architectural design guidance: a contribution to students' autonomy development

Dinámica de las asesorías del proyecto: una contribución al proceso de autonomía de estudiantes de Arquitectura y Urbanismo

BRAGA, Gisele Pinna

Doutora (FAU-USP, 2006), Universidade Positivo, gbraga@up.edu.br

SANTOS, Maria da Graça Rodrigues

Doutora (FAU-USP, 2002), Universidade Positivo, mrsantos@up.com.br

RESUMO

Tomando como foco principal desta reflexão as disciplinas de projeto de arquitetura e como objeto de análise o curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Positivo, este trabalho propõe-se a refletir sobre um aspecto do processo de ensino de projeto de arquitetura do curso, que diz respeito à autonomia que esse profissional precisa ter, para atuar como arquitetos e urbanistas no mercado profissional, na atualidade. Neste processo de ensino a análise concentra-se nas assessorias de projeto, nas séries do curso, articuladas com o objetivo de preparar o estudante com autonomia. O sentido de autonomia aplicado neste trabalho baseia-se nas ideias de Edgar Morin (2011), que apresenta interessantes contribuições ao tema. Assim este artigo apresenta as práticas de assessoria nas disciplinas de projeto de arquitetura do curso e discute como, em cada série, as dinâmicas adotadas articulam-se com a complexidade dos projetos e com a busca da autonomia, pelo estudante.

PALAVRAS-CHAVE: Assessoria, Projeto de Arquitetura, Ensino.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the guidance practices in Architectural Design courses of the Architecture and Urbanism program at Positivo University. It addresses concerns on the issue of learner autonomy, which is an important skill to be developed to act as an architect and urban planner in the Market today. This work is supported by the concept of autonomy of Edgar Morin (2011). The analysis focuses on the dynamics of architectural design guidance along the program, which are scheduled to develop students into autonomous and responsible learners. It also reveals how they are articulated with the complexity of the design themes, seeking independence for students.

KEY-WORDS: Architectural Design, guidance, autonomy.

RESUMEN

Tomando como enfoque principal de esta reflexión las asignaturas del proyecto de arquitectura y como objeto de análisis el curso de arquitectura y urbanismo de la Universidad Positivo, este trabajo se propone a reflexionar sobre un aspecto del proceso de enseñanza de proyecto de arquitectura del curso en lo que respecta a la autonomía que ese profesional necesita tener para actuar como arquitectos y urbanistas en el mercado profesional en la actualidad. En este proceso de enseñanza el análisis se concentra en las asesorías de proyecto, en las series del curso, articuladas con el objetivo de preparar el estudiante con autonomía. El sentido de



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

autonomía aplicado en este trabajo se basa en las ideas de Edgar Morin (2011), que presenta interesantes contribuciones al tema. Así, este artículo presenta las practicas de asesoría en las disciplinas de proyecto de arquitectura del curso y discute como, en cada serie, las dinámicas adoptadas se articulan con la complejidad de los proyectos y con la búsqueda de autonomía por el estudiante.

PALABRAS-CLAVE: *proyecto, autonomía, asesoría.*

1 INTRODUÇÃO

O ensino de projeto vem sendo debatido há algum tempo e em algumas escolas de arquitetura sobram ainda traços do processo projetual como uma “inspiração divina”, destinada àqueles estudantes com talento nato, a quem os mestres dedicavam uma atenção especial.

A realidade atual das escolas de arquitetura, considerando o crescente número de escolas e o número de estudantes em cada uma, somada com novas demandas para este profissional, no século XXI, tem levado à reflexão sobre novas possibilidades no ensino e aprendizado de projeto, que possibilitem a um grande número de estudantes atuarem como arquitetos e urbanistas, para além do talento artístico, sem excluí-lo.

Tomando como foco principal desta reflexão as disciplinas de projeto de arquitetura e como objeto de análise o curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Positivo, este trabalho propõe-se a refletir sobre um aspecto do processo de ensino de projeto de arquitetura do curso, que diz respeito à autonomia que esse profissional precisa ter, para atuar como arquitetos e urbanistas no mercado profissional, na atualidade. Neste processo de ensino, a análise concentra-se nas assessorias de projeto, nas quatro séries do curso, articuladas com o objetivo de preparar o estudante com autonomia. As assessorias do TCC também são apresentadas, como síntese do processo de aprendizado.

A autonomia pensada no âmbito do projeto pedagógico do curso pressupõe uma formação consistente e a capacidade de articular as dimensões que interagem no processo projetual, de modo que esse profissional possa adaptar-se às constantes mudanças e desafios do mercado.

O sentido de autonomia aplicado neste trabalho baseia-se em aspectos apresentados por Edgar Morin (2011), que fornecem elementos para o processo de construção da autonomia pelo aluno . O primeiro desses aspectos, diz respeito ao fato de que a autonomia se alimenta de uma dependência. O autor aí cita a educação, o saber, a cultura, a linguagem e a capacidade individual de cada um de apresentar soluções. Trazida para a questão das assessorias, dentro dos propósitos deste trabalho, percebe-se que à medida que o aluno vai se “libertando” da tutela do professor e assumindo um

papel mais autônomo nas decisões sobre os seus projetos acadêmicos, ele vai se aproximando, ou dependendo, do seu próprio saber, cultura, educação e capacidade individual de absorver as informações. O Outro aspecto, diz respeito à necessidade de abrangência desta cultura, ou saber, para que se possa escolher num leque amplo de opções e refletir de maneira autônoma. Aí é possível afirmar que no próprio desenvolvimento do curso, no encaminhamento das disciplinas, a bagagem de informações vai aumentando, se torna mais complexa, possibilitando ao aluno maior possibilidade de escolha, o que traz mais segurança na busca da autonomia. Um terceiro aspecto apresentado por Morin trata do papel da autonomia no processo de tomada de consciência pelo indivíduo. Neste caso é interessante observar que no caso do curso de arquitetura da UP, a tomada de consciência ocorre após as avaliações em banca, quando, apuradas as críticas, o aluno percebe um aumento do seu domínio sobre o projeto e um aumento da sua capacidade de alterá-lo, fazendo escolhas baseadas nas diferentes críticas recebidas.

No que se refere à formação consistente, requisito para a autonomia, percebe-se que embora ainda persistam separações didáticas nas disciplinas de projeto, projeto de arquitetura, projeto de urbanismo e projeto de arquitetura paisagística, ou das disciplinas técnicas, como sistemas estruturais, técnicas construtivas e instalações prediais, estas separações visam tão somente o aprofundamento de questões específicas de cada uma dessas sub áreas de conhecimento, sem isolá-las em nichos segmentados. Esta visão abrangente materializa-se no “tema integrado”¹ do 4º bimestre letivo, aplicado em quase todas as séries do curso², onde o estudante pensa e desenvolve o seu projeto considerando as outras dimensões que o compõem.

Com este propósito de buscar entender o projeto de uma edificação, por exemplo, dentro de um contexto mais amplo, são organizadas as disciplinas de projeto deste curso da UP. Tal visão distancia-se da interpretação tradicional de projeto arquitetônico, que se concentrava na composição e na estrutura do edifício. Ao possibilitar que o estudante tenha domínio das áreas que interagem na elaboração do projeto, acredita-se contribuir para a sua autonomia. As assessorias de projeto inserem-se neste processo de ensino aprendido como expressão de tais objetivos. Em cada série, as dinâmicas adotadas se articulam com a complexidade dos projetos e com a busca da autonomia, pelo estudante.

¹ O Tema Integrado foi apresentado no XX ENSEA em 2003.

² Exceto na 5ª série, quando acontece o Trabalho de Conclusão de Curso, que segue a mesma linha de síntese dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo.

2 AS ASSESSORIAS NAS DISCIPLINAS DE PROJETO

As disciplinas de projeto, da primeira à quarta série, têm no curso o papel formativo, no sentido de desenvolver todas as competências necessárias a cada etapa, para o desenvolvimento de um projeto arquitetônico, considerando no processo as suas diferentes escalas e graus de complexidade.

A primeira série aborda a introdução ao projeto. Inicia com atividades de composição bidimensional e tridimensional, estuda e explora o uso da luz natural na composição do espaço arquitetônico no sentido qualitativo e finaliza com um primeiro projeto, numa proposta que agrega fundamentos de metodologia projetual, com reflexões sobre o tema, e análises preliminares de condicionantes para implantação do objeto arquitetônico. Em síntese é um exercício de composição de forma, espaço e luz, implantados num terreno real.

O aluno ingressante precisa conhecer e se acostumar com as dinâmicas e metodologias adotadas em uma aula de projeto, muito diferentes das encontradas na maioria das salas de ensino médio, cuja ênfase, na maioria das vezes, está no incentivo ao pensamento convergente, que o condiciona a buscar a solução única de um problema, em contraposição ao pensamento divergente (ARANHA e MARTINS, 2003) necessário num processo de conhecimento, principalmente em processos que envolvem a criação.

A superação das dificuldades iniciais, decorrentes do fato de não conhecer bem os professores e do receio de submeter seu trabalho a críticas, contribui para a construção da sua autonomia. Com esse objetivo são aplicadas diversas estratégias de assessoria ao longo do ano, definidas segundo as possibilidades que cada exercício oferece e os objetivos a serem atingidos.

As assessorias na primeira série

As modalidades de assessoria trabalhadas nesta primeira série são:

- 1) assessoria individual aleatória: nesta modalidade os professores percorrem a sala, ao longo das aulas de desenvolvimento do trabalho, oferecendo orientações e tecendo comentários críticos sobre os trabalhos. Esta modalidade geralmente é aplicada no início do ano, por dar a oportunidade do aluno conhecer todos os professores. Existe uma preocupação presente, de basear os comentários críticos nas teorias estudadas para a fundamentação do trabalho. Tal atitude pretende valorizar o conhecimento teórico e fazer com que o estudante reconheça

que uma atitude mais autônoma, de aprofundamento de tais saberes, dará bases para o melhor avanço de seu trabalho.

- 2) assessoria com professor específico: ao longo do processo de criação, nesta modalidade o aluno interage com um único professor, que acompanha e orienta a evolução de sua proposta. A assessoria com um único professor expõe a necessidade de o estudante construir argumentos para defesa de seu trabalho, visto que a avaliação do mesmo se dá por todos os professores. Tal fato corresponde a um início de atitude autônoma. Porém, no primeiro trabalho em que esta estratégia é aplicada o aluno costuma interpretar que o professor orientador defenderá o seu trabalho. Tal visão é logo desconstruída quando da avaliação em banca, em que a análise técnica de todos os professores se sobrepõe às afinidades pessoais.
- 3) assessoria individual com o grupo de professores: quando se dá a orientação com um único professor durante a etapa de desenvolvimento do trabalho, mas a assessoria que antecede a entrega é realizada com todos os professores simultaneamente. Tal estratégia tem como objetivos unificar o discurso dos professores e reduzir a insegurança do aluno para o momento tenso de avaliação, em que ele precisa se expor publicamente, deixando evidente sua responsabilidade pelo trabalho.
- 4) assessorias em grupo: esta estratégia é utilizada quando há um tema comum a ser discutido, que demanda reflexão e discussão pelo grupo. O papel do professor aqui é de agente articulador da discussão. Tal dinâmica evidencia a necessidade de uma conduta ativa, sem a qual a discussão não acontece.
- 5) painel de discussão coletiva: usualmente aplicada em momentos em que se objetiva exposição para toda a turma do andamento do trabalho, ou em que haja a necessidade de discussão de temas comuns. Nesta estratégia, em que o professor expõe questões técnicas e fornece diretrizes amplas, fica claro o seu papel de orientador geral, marcando um distanciamento para com questões específicas de projetos de determinado aluno, contribuindo para o aprendizado do grupo. Os trabalhos são expostos criticados sem indicação de autoria, o que também possibilita a participação crítica dos alunos.

As assessorias na segunda série

A partir da segunda série, todos os exercícios das disciplinas são desafios de projeto arquitetônico. A disciplina de projeto nesta fase tem foco nas questões técnicas construtivas, na construção dos



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

elementos pré-projetuais, programa de necessidades e setorização básica, na organização dos espaços internos, nos estudos de ergonomia, nas relações com as condicionantes físicas do lugar, como topografia, insolação e ventilação, bem como nas características do entorno imediato, não deixando de lado as questões de composição trazidas da primeira série.

Neste ponto, o aluno já conhece diferentes práticas de assessoria e tem o conhecimento básico de algum método para projetar. Já terá passado pela experiência do primeiro projeto e começa a perceber de forma mais clara que a presença de vários professores na aula, com distintas contribuições, pode enriquecer seu conhecimento e habilidade no processo projetual, possibilitando-os a fazerem suas próprias escolhas e tomarem decisões quanto à melhor solução a ser adotada. Os projetos são desenvolvidos individualmente, exceto no terceiro bimestre, que tem desenvolvimento em duplas, mas todas as pesquisas prévias são realizadas em grupos. A cada tema, os professores demandam dos alunos decisões mais complexas na organização dos elementos pré-projetuais, sempre submetidas a discussões coletivas com os professores.

As práticas de assessoria nesta série são determinadas segundo os momentos do desenvolvimento do projeto. A saber:

- 1) assessoria em painel: este tipo de assessoria é utilizada no início do desenvolvimento do projeto, quando há a necessidade de promover discussões para o entendimento do problema, considerando o sistema construtivo a ser adotado, as características do terreno e do entorno imediato, os elementos do programa e demais elementos pré-projetuais. Em outros momentos, no desenvolvimento do projeto, a exemplo do que ocorre também na primeira série, a assessoria em painéis é também utilizada, mas neste caso a turma é dividida em grupos, de acordo com o número de professores, que encaminham as discussões.
- 2) assessoria individual: quando os alunos começam o projeto, iniciam-se também as assessorias individuais. Eles escolhem com quem ter assessoria e os professores anotam os comentários sobre o que deve ser melhorado ou desenvolvido no projeto em uma ficha de acompanhamento, para que em assessorias futuras, outro professor possa dar continuidade ao atendimento. No processo de autonomia, ainda nesta série o aluno necessita da orientação direta, que é uma contraposição às assessorias em painel, onde assume uma postura ativa de crítica e também , e também às avaliações em banca.
- 3) assessoria em banca: Em alguns exercícios, no meio de seu desenvolvimento, é realizada uma banca avaliadora, cuja discussão dos 3 professores sobre o trabalho serve como assessoria.

Esta é o momento em que os professores alinham seus discursos e a partir daí o aluno continua a progredir com seu projeto. Busca-se, como no item anterior, reforçar a autoconfiança do estudante, de modo que na terceira série, com mais bagagem teórica e prática, possa “libertar-se” da assessoria individual.

Por outro lado, a opção de escolher o professor que lhe dará assessoria, já se confira como uma ação autônoma, pois pressupõe um encaminhamento específico para o seu projeto, visto que cada um dos professores apresenta perfil distinto de assessoria e tipo de contribuição a ser dada na leitura do projeto.

As assessorias na terceira série

Na terceira série do curso, a cidade é o universo do projeto, o que envolve o conhecimento de legislação e sociologia urbana, além das questões de tecnologias, relacionadas com os sistemas construtivos e estruturais, bem como com as instalações prediais. Trabalha-se com arquitetura de médio porte e questões urbanas e sociais, que interferem nas decisões e escolhas a serem tomadas, no desenvolvimento dos projetos. Tal complexidade de conhecimento, que envolve diferentes áreas e demanda diferentes análises, se estrutura com assessorias em grupo, criando um ambiente em que o aluno tenha a possibilidade de discutir suas ideias, fortalecendo sua capacidade de argumentação e capacidade de compartilhar conhecimentos. A conformação de pequenos grupos, com alternância dos professores, possibilita uma discussão profícua e estimula a abordagem do mesmo problema sob diferentes pontos de vista.

No desenvolvimento de cada tema o estudante participa de um pequeno grupo de discussão, que permanecerá o mesmo ao longo de todo o trabalho. Cada grupo é assessorado por um professor, e o trabalho de cada aluno é apresentado e discutido com todo o grupo. A dinâmica se repete com o rodízio de professores, de modo que cada grupo tem assessoria com um dos três professores a cada aula. Após este ciclo é realizada uma aula de painel, nos moldes descritos anteriormente, registrando-se mais autonomia e posicionamento dos alunos, frente ao trabalho dos colegas.

As assessorias em grupo desta série sofrem pequenas variações, dependendo do perfil do professor que as aplica. Foram identificadas estas variações:

- 1) O professor que pede para o aluno expor seu projeto no mural e apresentar o trabalho. Após a explanação solicita que pelo menos dois alunos comente sobre o mesmo. Depois, faz síntese geral dos problemas, não falando pontualmente de cada trabalho, e discorre sobre os

problemas de modo generalizado.

- 2) O professor faz uma assessoria individual, mas todo o grupo assiste. Os alunos são motivados a assistir, não só por haver um controle de participação, mas principalmente porque não há como sanar todas as dúvidas do seu projeto, quando da sua vez.

O rodízio de professores nesta série tem o papel de explicitar o papel da assessoria como prática de instigação reflexiva e de conscientizar o aluno de sua responsabilidade como agente condutor de seu processo projetual.

As assessorias na quarta série

A quarta série é a última de um processo de formação do aluno em projeto de arquitetura no sentido amplo, conforme indicado como propósito do curso, no início deste trabalho. A disciplina tem um caráter profissional, em que questões de técnica e de tecnologia são importantes no projeto, com grau de complexidade maior que a abordagem dada na terceira série, além de estudos de viabilidades, que envolvem análise de impacto urbano e da estrutura viária de acesso aos empreendimentos propostos, preliminares no processo de implantação do projeto. Desenvolvem-se projetos de grande porte, que demandam discussões em grupo e trabalhos em equipe. O número de alunos em cada início de projeto varia, de acordo com as características da turma e os desafios do projeto, mas em todos os projetos sempre há uma etapa de desenvolvimento individual e num deles, todo o processo é individual.

As dinâmicas de assessoria nesta série, têm o seguinte encaminhamento:

- 1) assessoria em pequenos grupos – utilizada na fase de lançamento das propostas, quando a turma é dividida em grupos, de acordo com o número de professores e cada grupo começa com um professor. No primeiro encontro são dadas orientações gerais sobre as questões pertinentes à fase de projeto, Nos encontros subsequentes os professores se alternam entre os grupos e tecem críticas aos trabalhos, possibilitando aos alunos do grupo que assistem fazerem análises sobre as diferentes abordagens dos professores, para em seguida fazerem suas próprias escolhas, no desenvolvimento do projeto.
- 2) assessoria em painel – em datas determinadas todos exibem seus trabalhos no mural. Sem nomear os autores, os professores fazem uma análise dos exemplos bons e ruins das propostas expostas. Os alunos também são estimulados a comentar o que avaliam sobre as decisões de projeto mostradas. Tal estratégia possibilita o reconhecimento, por parte dos

alunos, das diversas abordagens possíveis sobre o problema, e de soluções mais viáveis que a sua, fazendo deste momento um grande aprendizado. Quando os professores percebem que algum grupo está desanimando, sem inspiração ou pouco produtivo, eles utilizam o recurso do painel, de forma a reativar a energia e a criatividade dos alunos, mediante as contribuições de colegas de outros grupos.

- 3) assessoria individual para o grupo – Em determinada fase do projeto, normalmente já próximo da entrega e defesa, os grupos escolhem com que professor quer ter assessoria e se a necessitam, para finalização do projeto. Como cada professor tem um perfil e eles já passaram pela experiência do terceiro ano, reconhecem qual professor poderá lhe ser mais útil para tirar uma dúvida, ou discutir um ponto específico do projeto. Esse tipo de encaminhamento possibilita que todos fiquem produzindo e todos sejam atendidos.

No período de avaliações, cada grupo apresenta o trabalho para a banca de professores, que fazem as observações sobre a qualidade dos projetos apresentados, considerando os requisitos apontados no edital de lançamento e a capacidade do grupo de articular as dimensões técnicas e de composição, que os projetos requerem.

Para dar subsídios de projeto, equalizar as temáticas abordadas nas assessorias e estabelecer o ritmo de trabalho, uma vez por semana acontecem duas horas de aulas expositivas, sobre temas específicos do projeto, que envolvem questões técnicas, como saídas de incêndio, desenho técnico, instalações, lançamento estrutural – malha, núcleo rígido, distribuição de cargas, circulação vertical, e questões teóricas contemporâneas, relacionadas com o tipo arquitetônico do projeto que esteja sendo desenvolvido. Estas aulas contribuem para os grupos se alimentarem de conteúdos que possam gerar dúvidas no desenrolar das propostas.

As assessorias no TCC

Findo o ciclo anterior, o concluinte inicia o trabalho de TCC. Na Universidade Positivo o TCC se desenvolve ao longo de um ano, com duas etapas muito distintas. Na primeira etapa, o aluno é preparado para pesquisa e elaboração do termo de referência do projeto a ser desenvolvido no segundo semestre. Esta etapa inclui a discussão sobre o tema em si, a construção dos elementos pré-projetuais, a escolha dos terrenos, os estudos urbanos e a definição do plano de ocupação.

Cada uma das etapas que compõem o processo é apresentada em sala de aula e discutida posteriormente com o orientador, para encaminhamento do documento final de base para o projeto.

Apesar da assessoria individual, o aluno é orientado na definição de diretrizes para o seu trabalho, inicialmente pelo professor da disciplina. Aos poucos o papel do professor da sala de aula vai se reduzindo, para que o orientador possa assumir esse papel, sem perder contudo o foco de não projetar para o aluno.

Na segunda etapa do processo, quando o aluno desenvolve o projeto propriamente dito, após submeter-se a uma banca inicial, com a participação do orientador, que o auxilia na defesa do terreno escolhido, o aluno vai se preparando para as duas últimas etapas do processo, as duas últimas bancas, sem o orientador.

A segunda banca é com três professores do curso, de áreas distintas, que tecem críticas aos projetos, procurando apontar questões que devem ser consideradas, na entrega e defesa do projeto final. Nesse momento, apesar do orientador não estar presente, o aluno discute seu projeto com professores do curso, com os quais está acostumado, testando sua autonomia num ambiente que lhe é familiar.

A última banca é o momento de conclusão do processo de autonomia. O aluno defende o seu trabalho sem a presença do orientador, que encaminha um parecer do processo de assessoria para a banca, mas sobretudo na presença de um professor externo, escolhido pela comissão do TCC, que, após a apresentação pelo aluno, é o primeiro a fazer as observações sobre o projeto, que recebe com antecedência, expondo seus elogios e críticas sem constrangimentos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste trabalho e os relatos das dinâmicas de assessorias de projeto de arquitetura no curso da UP são resultantes de duas iniciativas pedagógicas. A primeira delas decorreu da atuação de um grupo de quatro professores do curso, formado mediante uma solicitação institucional, dentre os quais se incluem o professor Rodolfo Sastre e a professora Thais Saboia Martins, além das autoras, que desenvolveu ao longo do ano de 2014, um estudo abrangente sobre o processo de ensino e aprendizado do curso de arquitetura e urbanismo, na visão do estudante. Esta iniciativa, levando em conta os resultados do levantamento³, culminou na organização do I Seminário

³ Os alunos selecionados para responder a um questionário, que continha questões de diferentes processos de ensino e aprendizado, foram convidados a refletir sobre quatro modalidades de assessorias, indicando pontos positivos e negativos de cada uma. As modalidades consideradas foram: assessoria individual e assessoria coletiva, sendo a primeira diferenciada entre com ou sem o professor desenhando, e a segunda distinguida entre em pequenos grupos ou em painel. Com preferência pela assessoria individual, o aluno pondera os benefícios para o desenvolvimento da autonomia, quando o

sobre o Ensino de Projeto Arquitetônico do Curso de Arquitetura e Urbanismo, ocorrido em novembro de 2014, promovido pela Coordenadoria, com apoio do citado grupo. Os resultados do seminário, decorrentes das apresentações das equipes de professores de cada série, foram sintetizados e organizados neste texto.

A outra iniciativa pedagógica ocorreu no âmbito do Núcleo Docente estruturante, que organizou o trabalho de conclusão de curso, nos moldes citados. Percebendo a insegurança anterior dos alunos no desenvolvimento dos projetos de TCC e nas bancas de defesa, em cada uma das etapas, o NDE deliberou pela busca da autonomia, tomando a decisão de retirar o orientador da banca final. Apesar de resistências iniciais, a decisão tem se mostrado positiva, contribuindo para que as assessorias sejam mais efetivas, no processo de projeto do TCC, de modo a ir preparando o aluno para o momento da banca final. Os resultados desta autonomia expressam-se também na qualidade dos projetos e no desempenho dos alunos nos momentos de defesa.

As questões apresentadas por Morin e discutidas no início deste trabalho foram fundamentais para as reflexões que se seguiram às decisões do NDE e as apresentações do Seminário, possibilitando a elaboração deste texto.

4 REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. ; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. Moderna, 2003. ISBN 9788516037468.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Sulina, 2006. ISBN 9788520504079

professor não desenha enquanto assessora. Apesar de reconhecer que a assessoria com os professores desenhando facilita a compreensão e visualização de ideias, teceu críticas sobre a influência e o direcionamento da solução do projeto que tal prática induz. No que diz respeito a assessoria coletiva ele identifica a potencialidade de proporcionar um ambiente de debate e trocas, salientando o benefício de se evitar comentários repetidos e de contribuir para autonomia, por demandar a defesa do projeto. A modalidade de pequenos grupos é bem vista, enquanto a assessoria em painel muito criticada e mostrou-se, na percepção do aluno, pouco proveitosa.